



O mistério de Lewis Carrol

JENNY
WOLF

The Mistery of Lewis Carrol
(essay, 2011)

Tradução: Ana Carolina Aguiar

Edição bilingue: PT/EN
Distribuição gratuita

mojo.org.br

O mistério de Lewis Carroll

Jenny Wolf

domínio ao público

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA
É DIREITO DE TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS
BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO.

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural e seus parceiros. O objetivo deste projeto é traduzir e editar obras extraordinárias do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — e outras, que nos ajudem a entendê-las melhor — artigos, ensaios acadêmicos, teses etc. Nossas edições digitais são bilíngues e gratuitas e podem ser encontradas no site www.daop.org.br, livres para serem compartilhadas.

Que você faça o bem e não o mal.

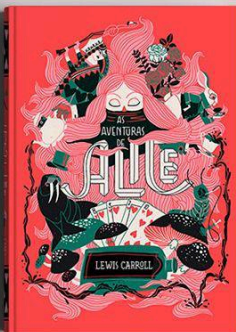
Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para outros idiomas. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. São obras que nos ensinam a entender o ser humano, seu caráter, suas falhas e nos dão um repertório enfrentar adversidades. Não existem melhores motivos para empregar esforços e torná-las livres da barreira da língua. A democratização do Domínio Público é um dever de todos os cidadãos, instituições e governos — no mundo todo.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES
EXTRAORDINÁRIOS

domínio
ao público



APOIE COMPRANDO OU LEIA DE GRAÇA
www.daop.org.br

O mistério de Lewis Carroll

Jenny Wolf

Tradução de Ana Carolina Aguiar

O autor de *Alice no País das Maravilhas*, que celebrou seu 150º aniversário de lançamento em 2015, permanece até hoje uma figura enigmática. Jenny Wolf explora as alegrias e dificuldades desse homem brilhante, complexo e cheio de segredos, criador de uma das histórias mais amadas do mundo.



Autoretrato de Dodgson (circa 1895) Fonte.

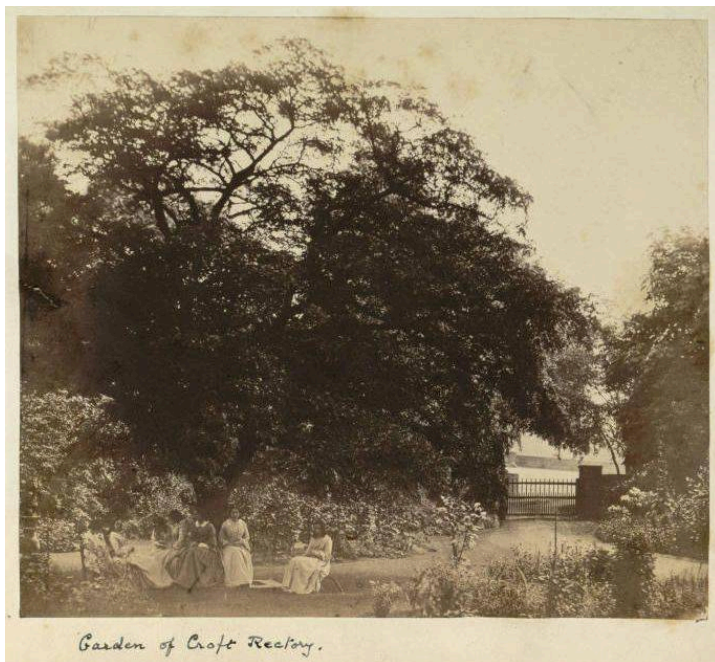
Quando Charles L. Dodgson nasceu, em janeiro de 1832, sua tia paterna escreveu uma carta aos pais dele com suas boas-vindas e enviando um beijo ao “pequenino e querido estranho. Seu pai, pastor anglicano, que sentia-se “cheio de alegria” quando olhava para sua família, anunciou no jornal *The Times* o nascimento de seu muitíssimo desejado primeiro filho.

O bebê cresceu e se tornou Lewis Carroll, autor de dois dos mais famosos livros infantis do mundo. Mistério e até controvérsia o acompanhariam por toda a vida. Uma coisa, porém, nunca mudou: seu profundo apego por sua família e a dela por ele.

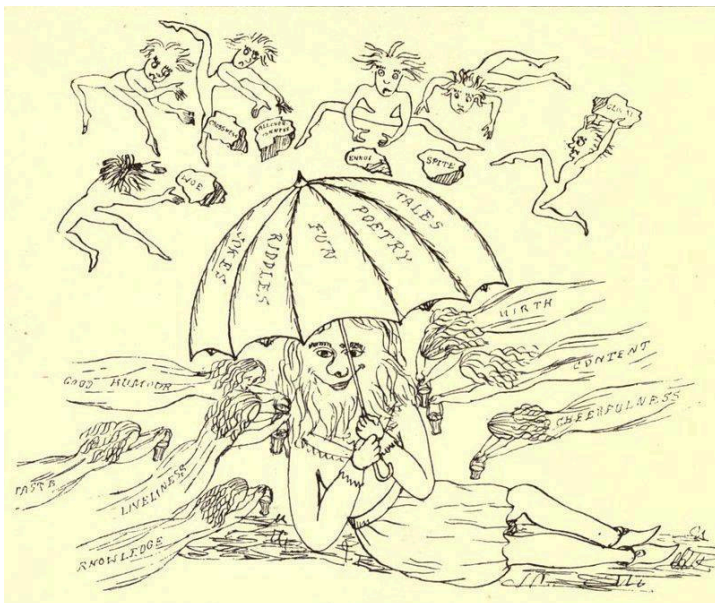
Durante seus primeiros onze anos de vida, a família Dodgson viveu numa pequena residência paroquial em meio a plantações no afastado vilarejo de Daresbury, Cheshire. A casa foi destruída num incêndio há mais de cem anos, porém o local ainda permanece, marcado por tijolos e cercado por uma cerca de metal decorativa, cercada de campos por todos os lados.

Os quartos eram pequenos — o pai de Charles era um humilde pastor que também lecionava e plantava parte da própria comida. Charles, porém, lembrava da pequenina residência paroquial em Daresbury como um local alegre, um “sítio ilhado em um ‘mar de milharais’.” Ele e o crescente número de irmãos e irmãs perambulavam pelos campos ao redor e suas irmãs lembram dele como um menino

comum, subindo em árvores e brincando nas lagoas próximas. Quando seu pai foi promovido, mudaram-se para um grande presbitério em Croft-on-Tees, Yorkshire, e logo a família aumentou para onze crianças.



Fotografia de Dogson no jardim em The Croft Rectory, entre 1856 e 57. Fonte.



Página ilustrada do The Rectory Umbrella, uma revista produzida por Charles e seus irmãos, iniciada em 1849 ou 1850 quando tinha cerca de 17 anos. Fonte

Ao que parece, Charles era ainda muito jovem quando decidiu ser a atração da família. Costumava entreter seus irmãos e irmãs incansavelmente: criava jogos elaborados para brincarem no jardim, contava histórias e criava revistas. Suas próprias contribuições juvenis a essas revistas ocasionalmente nos dão pistas do que estaria por vir. A duquesa, de *Alice no país das maravilhas* que via uma “moral” em tudo, faz lembrar seu poema *My Fairy* (*Minha*

fada, em português), escrito aos treze anos, no qual ele sutilmente critica a moralização explícita dos livros infantis de sua época.

Tenho uma fada ao meu lado

Que me diz que não posso repousar.

Quando, certa vez, chorei desolado,

Ela disse: “Você não deve chorar”.

... quando algo eu quis provar à beça

Ela disse: “Você não deve morder”.

Quando fui à guerra com muita pressa

Ela disse: “Você não deve combater”.

“O que posso fazer?” eu chorava incessantemente,

Cansado da tarefa que a dor veio me causar.

A fada respondeu calmamente

E disse: “Você não deve perguntar”.

Moral: “Você não deve”.

Pelo que se sabe, Charles gostava muito do papel de irmão mais velho, e diz-se que seus irmãos muito o estimavam. Certamente foram bem próximos por toda a vida.

Ao que parece, ele era notoriamente protetor, pois ainda na escola era conhecido por se meter em brigas em defesa dos meninos menores. Anos depois, os amigos às vezes comentavam o quanto Dodgson cuidava deles. Uma sobrinha, de forma carinhosa, até o chamava de “mãe coruja”.

Ele tinha muito em comum com algumas de suas irmãs e não se interessava tanto pelos esportes ao ar livre, ao contrário de seus irmãos. Desde cedo, era contra experiências científicas com animais, e sua irmã mais nova, Henrieta, compartilhava sua preocupação contra quaisquer maus-tratos do tipo.



Seis das irmãs de Charles e seu irmão mais novo, Edwin. Fonte.

A educação formal não era obrigatória na época. No entanto, se um rapaz quisesse ter uma carreira, era melhor que fosse à escola. A maior parte da instrução de Charles foi em casa, mas quando completou doze anos foi mandado para uma pequena escola em Richmond, onde morou com a família do diretor, e foi muito feliz.

No entanto, ele detestou os três anos que passou num internato em Rugby. Foi bom aluno, ganhou prêmios, mas odiava a falta de privacidade, os professores sem inspiração e o *bullying* agressivo. Anos depois, ele admitiu que a experiência não fora de todo ruim e que fez alguns amigos, mas acrescentou que “nada na face da terra” o faria reviver os anos que lá passou.

Aos dezenove anos Charles foi para a Christ Church, em Oxford, a antiga universidade de seu pai. Era ótimo aluno e logo foi indicado a integrar o corpo docente, foi quando começou a lecionar matemática. Aos vinte e poucos anos, Charles passou a se envolver mais com o trabalho, mas permaneceu no seio de sua família, fazendo a longa viagem até o Norte durante as férias e socializando com os irmãos e irmãs em outras ocasiões.

É difícil saber o que ele realmente pensava da Christ Church. Lá teve oportunidade de ler, refletir e aperfeiçoar sua mente e, progredindo nessa vida, fazia exatamente o que sua família esperava dele. Sua posição lá permitia que conhecesse muitas das grandes figuras da época. Seu círcu-

lo de amigos incluía muitos famosos. Além disso, precisava de um salário decente, pois seu pai tinha pouco dinheiro e, sendo o filho mais velho, teria que assumir a responsabilidade por todos depois que ficassem órfãos.

Por outro lado, a universidade era composta quase totalmente por homens, ou seja, nada de mulheres ou crianças. Talvez ele se sentisse desanimado emocionalmente. Para cumprir com as regras arcaicas da universidade, relutantemente recebeu a ordenação e sabia que seria obrigado a permanecer solteiro e celibatário enquanto ali permanecesse.

Ensinar aos universitários não combinava muito com ele. Com sua voz baixa, suas maneiras gentis e a sua incômoda gagueira, era difícil manter a ordem em sala de aula. Alguns de seus contemporâneos mais grosseiros zombavam da sua dificuldade da fala e muitos dos alunos eram jovens ricos sem nenhum interesse em aprender, e se consideravam superiores. Aparentemente Charles lidava com seus problemas emocionais apresentando-se de maneira fria e distante para aqueles que não conhecia bem.

Charles escrevia longas e divertidas cartas para seus irmãs e irmãos, se envolveu na vida política da universidade e passou todo o tempo possível com os filhos da família Liddell — Harry, Ina, Edith e Alice — que moravam na reitoria da faculdade. Com elas Charles podia ser mais natural como era com sua família. Ele levava as crianças para

passar, as ajudava com todo o tipo de projetos e inventava histórias.



Fotografia tirada por Dodgson de Alice Liddell (direita) e suas duas irmãs — Fonte.

Essa era a aparência do homem que criou *Alice no país das maravilhas* em 1862, aos trinta anos. Diz-se que a famosa história foi contada durante um passeio de barco em 4 de julho, enquanto Charles, seu amigo Duckworth e as três meninas Liddell remavam até o vilarejo de Godstow. Na verdade, a história pode ter tomado forma em dois ou três passeios naquele verão, mas em todo caso as crianças amaram.

Alice Liddell tinha dez anos na época, três a mais do que a Alice da história. Charles tinha muito apreço por ela. Alice era uma garotinha inteligente, artística, de cabelos curtos e escuros e um olhar firme e confiante. Quando ela o importunou para escrever a história, Charles concordou, embora tenha demorado mais de dois anos até chegar à reitoria com seu belo volume manuscrito de *As aventuras de Alice embaixo da terra*.

Por vezes, sugeriu-se que Charles estivesse apaixonado por Alice ou quisesse se casar com ela quando a menina crescesse, mas não há nenhuma evidência que corrobore isso. Na verdade, ele pode até ter nomeado a personagem Alice só para agradar sua pequenina amiga, pois posteriormente se esforçou muito para esclarecer que Alice, a criança, não era a Alice que ele havia imaginado para a história. Suas próprias ilustrações da época também mostram uma Alice de cabelos longos e loiros, ao contrário do cabelo escuro e curto de Alice Liddell.

A amizade dele com a irmã mais velha de Alice, Lorina, perdurou até o fim de sua vida, e fofocas circulavam, dizendo que ele estaria interessado nela. Não era comum para um homem de sua posição procurar a companhia de crianças tão publicamente, e muitos achavam que ele tinha esperanças com a menina mais velha ou a governanta. Não existem evidências para comprovar tal teoria, mas é certo que a amizade com Alice definhou quando ela deixou a in-

fância para trás. Ele não era parte importante do círculo social da família e há pistas de que ela não gostava muito de ser mundialmente famosa por conta do livro de outra pessoa.

of her own little sister. So the boat wound slowly along, beneath the bright summer-day, with its merry crew and its music of voices and laughter, till it passed round one of the many turnings of the stream, and she saw it no more.

Then she thought, (in a dream within the dream, as it were,) how this same little Alice would, in the after-time, be herself a grown woman: and how she would keep, through her riper years, the simple and loving heart of her childhood; and how she would gather around her other little children, and make their eyes bright and eager with many a wonderful tale, perhaps even with these very adventures of the little Alice of long-ago: and how she would feel with all their simple sorrows, and find a pleasure in all their simple joys, remembering her own child-life, and the happy summer days.



Página final de um fac-símile de As aventuras de Alice embaixo da terra de Dodgson, o manuscrito que se tornaria Alice no País das Maravilhas. A página deste fac-símile traz uma fotografia de Alice Liddell, enquanto o original de Dogson, guardado pela Biblioteca Britânica, mostra um desenho — Fonte.

Charles não fez nenhum registro da reação de Alice ao presente. No entanto, muitas outras pessoas adoraram a história. Aliás, foram tantas que ele já tinha decidido publicá-la na época em que a presenteou Alice. O editor Alexander Macmillan concordou em trabalhar o material, apesar que, pelo acordo, Charles teria que pagar a maior parte dos custos de produção.

Charles corajosamente comprometeu mais de um ano de salário nesse projeto. A primeira edição de uma tiragem de dois mil livros foi toda descartada porque Tenniel¹ não gostou da qualidade da impressão. Uma das características pessoais de Charles era ser muito detalhista, assim como ousado, impetuoso e determinado a fazer aquilo que acreditava ser correto, sem se deter por inconveniências ou dificuldades.

Quando o primeiro livro saiu, Charles não estava muito otimista. Ele achou que perderia cerca de duzentas libras, uma grande quantia na época. Talvez recuperasse as perdas se as vendas fossem excepcionalmente boas, “mas quanto a isso”, dizia melancólico, “eu quase não tenho esperanças”.

Mas estava totalmente enganado! No final, *Alice* permitiu que tivesse uma aposentadoria antecipada, mesmo sem que o livro não tenha gerado sequer uma fração do dinheiro que um best-seller atual geraria. Dentro de uma década, o pseudônimo de Charles, “Lewis Carroll”, era já um nome reconhecido, e quando ele morreu, em 1898, o livro e sua continuação *Alice através do espelho* eram famosos internacionalmente. Agora eles estão disponíveis em todo o mundo, tanto na versão inalterada da época vitoriana quanto as inúmeras edições e adaptações, no cinema, em pinturas, musicais e animações.

Com a crescente fama dos livros, naturalmente aumentou também a curiosidade sobre o homem que os havia escrito, mas Charles não tinha nenhuma intenção de se revelar ao público. Escrever um livro infantil não acrescentava nada à sua carreira profissional e, desde o começo, ele se recusava a reconhecer em público que era “Lewis Carroll”.

Na realidade, “Lewis Carroll” era completamente ignorado em sua vida diária. Charles sempre foi conhecido pessoalmente apenas pelo próprio nome, cartas direcionadas ao pseudônimo eram devolvidas sem resposta e ele saía de perto se estranhos ousassem mencionar *Alice* na presença dele.



Autorretrato de Dodgson (circa 1872). Fonte.

Com o passar dos anos o interesse nele não diminuiu, então ele se apresentava ao mundo de maneira ainda mais desagradável, severo e moralista, inclusive com vários de seus colegas em Christ Church.

Já se perguntou algumas vezes a razão de tais extremos de Charles. Parte do motivo parece ter sido a necessidade de manter sua privacidade. Afinal de contas, ele vivia num ambiente quase totalmente comunal, e em seu tempo livre estava constantemente com sua grande família. Odiava ser abordado por estranhos e dava muito valor aos períodos de solidão, quando podia trabalhar nos cálculos matemáticos que tanto o fascinavam.

Além disso, ele queria se ver livre do escrutínio público. Dentro do círculo familiar, com crianças e seus amigos boêmios e artistas, ele era brincalhão, engraçado, às vezes até emotivo e ocasionalmente impulsivo e iconoclasta. No restritivo mundo da classe média vitoriana, não eram essas as qualidades esperadas de um pastor universitário sério. Nesse sentido, talvez os sentimentos contidos em *Minha fada* se aplicassem a ele, mesmo na vida adulta.

Em particular, seu amor pelo teatro e a paixão por pessoas desse meio eram um problema para sua imagem pública. No século 19, os teatros não eram respeitáveis, e muitas peças eram triviais e fúteis. Mesmo que essa reputação tenha melhorado ao longo da vida de Charlie, seus pais e a maioria de suas irmãs nunca foram ao teatro em toda a vida.

No entanto, para ele o teatro era um mundo de fantasia no qual os atores eram seus habitantes. Charles era um crítico conhecido do trabalho deles, sendo ele próprio um con-

tador de histórias nato e talentoso. Talvez, em circunstâncias diferentes, ele pudesse ter se envolvido profissionalmente com os palcos, mas em sua vida real isso era impossível.



Com as quatro crianças da família Kitchin, essa fotografia de Dodgson mostra a representação de São George e o dragão, realizada em seu estúdio no sótão da Christ Church em 26 de junho de 1875. Fonte.

Os poucos adultos para os quais ele contava histórias lembram dele como um narrador extraordinário, sempre com uma anedota engraçada para cada ocasião e a habilidade de arrancar risos de seus ouvintes. Charles também

sabia agradar uma plateia com facilidade, descreveu Ruth, nora do arquiteto Alfred Waterhouse, em suas memórias.

Certa vez, quando era uma garotinha, Ruth foi a uma festa infantil e viu um pastor pálido usando roupas escuras. Ao vê-lo, ela presumiu que ele iria estragar a diversão. No entanto, “o evento logo se tornou a festa do sr. Dodgson”, disse ela, e sua conversa era tão fascinante que “eu me lembro como foi irritante quando me perguntaram se eu queria outro pedaço de bolo, porque eu estava tentando muito ouvir o que ele estava dizendo”.

Apesar de ter sido amigo de vários meninos, Charles não escondia o fato de preferir a companhia feminina, e seu sobrinho biógrafo chamou a atenção para o estranho fato (para a época) de que a maioria dos amigos do seu tio eram mulheres.

Ele ficava tranquilo na presença de mulheres de todas as idades e seus aposentos em Christ Church continham centenas de livros sobre poesia, mitos, magia e lendas, além de brinquedos e vestidos sofisticados. Num contexto social no qual as diferenças entre os gêneros eram bem delimitadas, ele não se interessava por esportes ou pela guerra, mas gostava de fadas, animais, brincar de se vestir, arte e beleza, e também de fantoches, bonecos e brinquedos de pelúcia. Sua sobrinha Irene lembrava de como era divertido engatinhar com ele pelo chão brincando com um ursinho, mesmo ele já sendo idoso. Talvez seja algo significati-

vo que o único brinquedo de sua infância que ele se dera ao trabalho de fotografar tenha sido um boneco ou fantoche chamado “Tim”.

Além de apaixonado pelo teatro, Charles era também um ávido fotógrafo, principalmente de pessoas e em especial de crianças. Alguns de seus jovens modelos lembram como ele conseguia mantê-los interessados e ocupados durante um processo longo e tedioso, e algumas vezes os pais encomendavam a ele fotos profissionais de suas crianças. Suas imagens de crianças nuas parecem controversas hoje, mas o nu artístico de ambos os gêneros e todas as idades era um tema de arte válido e, para dizer a verdade, algumas das imagens da sua respeitável contemporânea, Julia Margaret Cameron parecem bem mais perturbadoras ao olhar moderno.

No entanto, seu amor pelas crianças e sua admiração pela nudez infantil por vezes são tomadas como evidências de pedofilia. É impossível para qualquer um saber a verdade definitiva sobre a vida sexual de outra pessoa, principalmente alguém morto há tanto tempo e de uma cultura diferente. Mas muitas crianças que o conheciam, inclusive as fotografadas por ele, lembram de Charles com amor e afeição reais, em memórias que de modo algum indicam qualquer comportamento pedófilo. Como bem relembra Evelyn Hatch, a quem ele fotografou nua como odalisca, “O que eu lembro do sr. Dodgson era a sua gentileza. Seu

objetivo era trazer alegria e fazer a vida melhor. Ele era um convidado sempre bem-vindo.” Dezenas de outros relatos de meninas retratam a mesma visão.



"XIE" KITCHIN.
PHOTO BY REV. C. L. DODGSON.

Fotografia colorida de Dodgson, de 1873, de Xie Kitchin, uma de suas modelos fotográficas favoritas. Fonte.



Outra fotografia de Xie Kitchin (1875). Fonte.

De maneira ampla, Charles aparentemente levou sua vida com uma atitude positiva e construtiva, aproveitando ao máximo o que lhe era possível. Mas, em alguns aspectos

essenciais, não podia ser ele mesmo, e sua família dizia que de tempos em tempos ele sofria com uma sombria depressão. Nessas ocasiões, a família sentia que o amor sincero de suas amigas crianças não o deixava desistir.


Por sua vez, sua afeição pelas crianças significava muito para várias delas. São inúmeros os relatos de que ele as levava a sério e entendia seus pontos de vista, quando ninguém mais o fazia. Dentre tantas memórias comoventes está a de Ethel, sobrinha de Matthew Arnold, que relembra como “as horas passadas em sua querida e muito amada companhia eram um oásis de alegria em meio a uma infância um tanto quanto melancólica.”

Ele nunca se casou e, aparentemente, nunca quis. O casamento na era vitoriana (e a possibilidade de mais dependentes) certamente seria uma difícil adesão às amarras de sua vida. Charles teria perdido a pouca independência que tinha, e o simples fato de ser casado teria trazido a ele vários problemas práticos, por muitos anos. Sua proximidade com seus irmãos também pode ter sido um fator que contribuiu para essa decisão. Somente três de seus onze irmãos chegaram a se casar, os sete restantes ficaram sob sua tutela até a morte de Charles.

Porém, ao ficar mais velho, ele conquistou a amizade de muitas amigas mulheres. Algumas vezes isso gerava pequenas controvérsias. A vida social vitoriana era extremamente formal e era considerado impróprio que homens

elegíveis ao casamento fossem amigos de mulheres solteiras.

Durante sua juventude, Charles não podia passar nenhum tempo a sós com mulheres respeitáveis. Porém, depois que passou da idade considerada pelos vitorianos como do “romance”, ele passeava abertamente com suas amigas e tinha um círculo significativo de mulheres admiráveis ao seu redor. Como o autor Laurence Hutton relembra em 1903, logo após a morte de Dodgson: ele “gostava de mulheres jovens e todas gostavam dele, e Oxford agora está cheia de mulheres, maduras ou imaturas, que lembram com carinho do criador de ‘Alice’”.

<p>“I DO not believe God means us to divide life into two halves—to wear a grave face on Sunday, and to think it out of place to even so much as mention Him on a week-day. Do you think He cares to see only kneeling figures, and to hear only tones of prayer—and that He does not always love to see the lambs leaping in the sunlight, and to hear the merry voices of the children, as they roll among the hay? Surely their innocent laughter is as sweet in His ears as the grandest anthem that ever rolled up from the “dim religious light” of some solemn Cathedral? And if I have written anything to add to these stores of innocent and healthful amusements that are laid up in books for the children I love so well, it is surely something I may hope to look back upon without shame and sorrow (as how much of life must then be recalled!) when my turn comes to walk through the valley of shadows.”</p> <p><small>From “An Easter Greeting,” by Lewis Carroll.</small></p>	<p><i>I am the Resurrection and the Life.</i></p>  <p>Charles Lutwidge Dodgson (Lewis Carroll). Died at night Jan. 14, 1898.</p> <p>✠</p>
--	---

O santinho de falecimento de Dodgson, 1898, com um trecho de seus Votos de Boa Páscoa. Fonte.

Mais tarde em sua vida, apesar de ainda ser gentil, generoso e comprometido com os mais próximos, foi se tornando cada vez mais distante, excêntrico e intolerante com estranhos. Ele também passava boa parte de seu tempo livre aflito sobre questões morais e examinando pequenos pontos de sua própria consciência. Ao ver a própria morte se aproximar, ele se tornou ansioso para não ofender a Deus de nenhum modo. Grande parte da ficção que escreveu no fim da vida, constrangida, mal estruturada e demasiado moralista, revela essa ansiedade.

Para ele era um alívio fugir para o estudo intelectual da lógica, que cada vez mais o fascinava. Mas, ao que parece, ele ainda sentia tranquilidade e ganhava forças na companhia das crianças que amava, e continuou a inventar histórias engraçadas, surpreendentes e alegres para fazê-las felizes. Adultos raramente as ouviam, mas sua grande amiga Gertrude Thomson as descreveu “como arco-íris: únicas, belas e curtas”.

Ele nunca chegou a escrever esses contos, e num raro surto de confiança, não muito antes de morrer, Dodgson disse para Gertrude Thomson que não sabia o que as pessoas viam nos livros de *Alice*. Mesmo que aparentemente ele os considerasse contos de fada sem importância, sabe-

mos que *Alice no país das maravilhas* e seu companheiro *Através do espelho* foram ambos criados em tempos de grande estresse para ele. É razoável presumir que de algum modo eles foram terapêuticos e talvez Charles não quisesse pensar a fundo sobre o que esses livros representavam.

Apesar de nunca querer discuti-los com adultos, Charles sempre quis que os livros atingissem o maior número possível de crianças. Nos últimos 150 anos, milhões delas cresceram com *Alice*. Muitas outras ainda chegaram a produzir seus próprios trabalhos artísticos inspirados pela curiosa garotinha, sendo que a maravilhosa variedade desses trabalhos culturais se tornou um estudo fascinante. Quase tanto, mas não interessante quanto o estudo do próprio Charles Dodgson.

Jenny Woolf é a autora da biografia de Charles L. Dodgson, *The Mystery of Lewis Carroll*. (*O Mistério de Lewis Carroll*, sem tradução para o português).

The Mystery of Lewis Carroll

Jenny Woolf

The author of *Alice's Adventures in Wonderland*, which sees its 150th anniversary this year, remains to this day an enigmatic figure. Jenny Woolf explores the joys and struggles of this brilliant, secretive, and complex man, creator of one of the world's best-loved stories.



Self-portrait taken by Dodgson, circa 1895 – [Source](#).

When Charles L. Dodgson was born in January 1832, his paternal aunt wrote a letter to his parents, welcoming the “dear little stranger” and begging them to kiss him on her behalf. His clergyman father, already “overdone with delight” whenever he looked at his family, put a notice in *The Times* to announce the arrival of his much-wanted first son.

The baby would grow up to become Lewis Carroll, author of two of the most famous children’s books in the world. Mystery, and even controversy, would surround him in later life, but one thing that never changed was his deep attachment to the members of his family, or theirs to him.

For his first eleven years, the Dodgsons lived in a small parsonage in the midst of fields, in the scattered village of Daresbury, Cheshire. The parsonage burned down over a hundred years ago, but its site still remains, marked out in bricks and enclosed in a decorative iron fence, with countryside all around.

Its rooms are tiny, for Charles’ father was only a poor curate, and he had to take in pupils and grow some of his own food. But Charles remembered Daresbury Parsonage as a happy spot, an “island farm, ‘midst seas of corn.” He and an ever-growing number of brothers and sisters roamed in the surrounding countryside, and his sisters remembered him as a typical boy, climbing trees and playing in local ponds. After his father was promoted, the family moved to

a large rectory in the village of Croft-on-Tees, in Yorkshire, and soon grew to eleven children.



Photograph by Dodgson of the garden at The Croft Rectory, circa 1956-57 – Source.



Frontispiece to The Rectory Umbrella, a magazine produced by Charles and his siblings, begun in 1849 or 1850 when around 17 years old – [Source](#)

Charles was very young when he seems to have decided to become the family's main entertainer. He amused his brothers and sisters tirelessly, creating elaborate games for them to play in the garden, telling them stories and creating magazines for them. His own youthful contributions to these magazines occasionally show hints of what was to come. Alice's Duchess, who saw a "moral" in everything, echoes his poem "My Fairy", written at the age of thirteen,

in which he gently criticises the explicit moralizing of contemporary children's books.

*I have a fairy by my side
Which says I must not sleep.
When once in pain I loudly cried
It said, "You must not weep".
... When once a meal I wished to taste
It said, "You must not bite"
When to the wars I went in haste
It said, "You must not fight".
"What may I do?" at length I cried,
Tired of the painful task.
The fairy quietly replied
And said "You must not ask".
Moral: "You mustn't."*

From all accounts, Charles relished the role of older brother, and his siblings are reported to having thought a lot of him; they certainly stayed in close touch all his life. It seems that he was markedly protective, for as a schoolboy he was known for getting into fights in defence of smaller boys. Later in life, friends sometimes commented on how well he looked after them – one niece even affectionately compared him to a “mother hen”.

He had much in common with some of his sisters, and was less keen on the countryside sports that his brothers

liked. An early anti-vivisectionist, he shared a concern for animal welfare with his youngest sister, Henrietta.



Six of Charles' sisters and his younger brother Edwin – Source.

Schooling was not compulsory at the time, but it was better for a boy to attend school if he wanted to have a professional career. Charles was mostly educated at home, but when he was twelve he was sent to a little school in nearby Richmond, where he boarded with the headmaster, his wife and family, and was very happy.

By contrast, he loathed the three years he spent at boarding-school in Rugby. He did well, and won prizes,

but he hated the school's lack of privacy, uninspired teaching, and savage bullying. Years later, he admitted it had not been totally bad, for he had made some friends, but he added that "no earthly considerations" would ever induce him to repeat the years he had endured there.

At nineteen, he went up to Christ Church, Oxford, his father's old college. He did very well, and before long was appointed a Fellow, known as a "Student", and was engaged in teaching mathematics. As he moved further into his twenties and got more involved in the job, he remained close to his family, making the long trip back North during vacations, and socialising with his brothers and sisters at other times.

It is hard to know what he really thought about Christ Church. It did offer opportunities to read, reflect, and use his mind, and, in making a success of his life there, he was doing what both he and his family expected. It also offered him the chance to meet many of the well known figures of the time, and his circle of friends does include large numbers of famous people. And he needed a decent salary, for his father had little money, and, as the eldest son, he knew he would assume responsibility for everyone after his father died.

On the other hand, the college was almost all-male and child-free, and may have seemed emotionally rather bleak. In order to comply with the college's archaic rules, he most

reluctantly took Holy Orders, and knew he would be obliged to remain unmarried and celibate as long as he stayed in the job.

Teaching the undergraduates did not suit him, for with his quiet voice, gentle manner and troublesome stammer, he found it hard to keep order. Some of his rougher contemporaries made fun of his speech difficulty, and many of the undergraduates were rich young men who did not want to learn and considered themselves better than him. He seems to have coped with the emotional discomforts of his life by presenting a cold, remote face to those he did not know well.

He wrote his brothers and sisters long, entertaining letters, got involved in college politics and spent as much time as possible with the Liddell children, Harry, Ina, Edith and Alice, who lived in the college Deanery. With them, he could be more like his real self, the person he showed to his family. He took the children out, helped them with all kinds of projects, and made up stories for them.



Photograph taken by Dodgson of Alice Liddell (right) and her two sisters – Source.

So this was the outward appearance of the man who created the story of “Alice in Wonderland” in 1862, when he was thirty years old. The famous story is said to have been told during a boating trip on July 4, when Charles, his friend Duckworth and the three Liddell girls rowed to the village of Godstow. Actually, the story may have taken shape over two or three trips that summer – but in any case, the children loved it.

Alice Liddell was ten at the time, three years older than the “Alice” of the story. She was a clever, artistic little girl, with short, dark hair, and a bold confident gaze, and Charles was very fond of her. When she pestered him to

write the story out for her, he did, although it was over two years before he arrived at the Deanery with his pretty handwritten volume of *Alice's Adventures Under Ground*.

It has sometimes been suggested that Charles was in love with Alice, or wanted to marry her as she grew older, but there is no evidence for this at all. In fact, he may only have named the character "Alice" to please his little friend, for he later took pains to point out that Alice the child was not the "Alice" he'd imagined in the story. His own contemporary illustrations, too, show Alice with long, fairish hair, quite unlike Alice Liddell's dark bob.

He stayed friends with Alice's older sister Lorina for the rest of his life, and in fact gossip did circulate that he might have had his eye on her. It was unusual for a man in his position to seek out children's company so publicly, and many people thought that he must have had hopes of either the oldest girl or the governess. No evidence exists to back this up, but it is known that the friendship with Alice withered as she left childhood behind. He was not an important part of her family's social circle, and there are hints that she did not particularly like being world-famous because of someone else's book.

of her own little sister. So the boat wound slowly along, beneath the bright summer-day, with its merry crew and its music of voices and laughter, till it passed round one of the many turnings of the stream, and she saw it no more.

Then she thought, (in a dream within the dream, as it were,) how this same little Alice would, in the after-time, be herself a grown woman: and how she would keep, through her riper years, the simple and loving heart of her childhood; and how she would gather around her other little children, and make their eyes bright and eager with many a wonderful tale, perhaps even with these very adventures of the little Alice of long-ago: and how she would feel with all their simple sorrows, and find a pleasure in all their simple joys, remembering her own child-life, and the happy summer days.



Final page of a facsimile of Dodgson's Alice's Adventures Underground, the manuscript that was to become Alice's Adventures in Wonderland. The page in this facsimile features a photograph of Alice Lidell, whereas Dodgson's original, held by The British Library, displays a drawing instead – [Source](#).

Charles did not record Alice's reaction to his gift, but many other people who saw the story loved it; so many, indeed, that he had already decided that he would publish it by the time he'd presented it to Alice. The publisher Alexander Macmillan agreed to work on it, although the agreement was that Charles would have to pay most of the cost of production.

Charles boldly committed over a year's salary to the project. Then, he scrapped the whole first edition of 2000, because Tenniel disliked the quality of the printing. Fussiness was one of his personal characteristics, as were a certain impetuosity, boldness, and a determination to do what he felt was right, however inconvenient and difficult it might be.

When the book first appeared, Charles was not optimistic about its prospects. He thought he would lose about £200, which was a huge sum then. He might recoup the loss if sales were exceptionally good, "but that," he concluded grimly, "I can hardly hope for".

Famous last words! Eventually, *Alice* enabled him to retire early, although it did not make a fraction of the

money that such a bestseller would generate today. Within a decade, Charles' pseudonym of "Lewis Carroll" was a household name, and when he died in 1898, the book and its sequel, *Through the Looking Glass* were world-famous. They are now available all over the world, both in the original unaltered mid-Victorian texts and in numerous rewritings and adaptations, movies, artworks, musicals, and animations.

As the books' fame grew, people naturally wondered about the man who had written them, but Charles had no intention of revealing himself to the public. Writing a children's book did not particularly enhance his professional career, and he flatly refused to acknowledge in public that he was "Lewis Carroll".

In fact, as far as his daily life went, "Lewis Carroll" was a complete non-person. Charles was always known personally only by his real name, letters directed to the pseudonym were returned unanswered, and he would walk away if strangers dared to mention "Alice" in his presence.



Self-portrait taken by Dodgson, circa 1872 – [Source](#).

As the years went on, interest in him did not lessen, and he presented an ever more off-putting, grave, moralistic image to the outside world, and indeed, to many of his colleagues at Christ Church.

It has sometimes been wondered why he went to these lengths. Part of the reason seems to have been a need for privacy. After all, he lived in a semi-communal setting, and often spent time with his large extended family, as well. He dreaded being accosted by strangers, and he treasured periods of solitude in order to work on the mathematics which fascinated him.

He also wanted freedom from outside scrutiny. Within the circle of family, children and his many bohemian and artistic friends, he was teasing, humorous, sometimes emotional, occasionally reckless and iconoclastic. These were not qualities expected of staid, clerical academics in the restrictive world of the Victorian middle class. In this way, perhaps the sentiments of “My Fairy” applied to him, even in adult life.

In particular, his love of the theatre and his passion for theatrical people created a problem so far as his public image was concerned. Theatres were not respectable in the mid-nineteenth century, and the plays they presented were often trivial and frivolous. Even though their reputation improved during his lifetime, his parents and most of his sisters never attended one in their lives.

But for him, the theatre was a whole fantasy world, and the actors were its inhabitants. He was a perceptive, knowledgeable critic of their work, and he was also a most gifted and dramatic storyteller himself. In different cir-

cumstances, he might have become professionally involved with the stage, but this was impossible in the life which he actually had.



Featuring all four Kitchin children, this photograph of Dodgson's shows a re-enactment of "St George and the Dragon", and was taken in his attic studio at Christ Church on 26 June 1875 –

Source.

The few adults to whom he told stories remembered him as a remarkable raconteur with a funny story for every occasion and the ability to reduce a listener to helpless laughter. He could also gather an audience with great ease,

when he chose, as Ruth, daughter-in-law of the Victorian architect Alfred Waterhouse, described in a memoir.

As a little girl, she once arrived at a children's party and saw a pale old clergyman in black clothes. She glumly assumed that he would spoil everything. Yet, "the party soon became Mr. Dodgson's party," she said, and he talked so fascinatingly, that "I remember how exasperating it was to be asked whether I would like another piece of cake, when I was trying so hard to hear what he was saying".

Although he had several child friends who were boys, he made no secret of the fact that he preferred female company, and his nephew biographer also took the unusual step (for the time) of pointing out that most of his friends were ladies.

He relaxed in the presence of females across all ages, and his bachelor rooms at Christ Church contained hundreds of books of poetry, myth, magic, and legend, and toys and fancy dresses. At a time when the line between the sexes was firmly drawn, he had no interest in sport and war, but enjoyed fairies, animals, dressing up, art, and beauty, as well as puppets, dolls, and stuffed toys. Even when he was an old man, his niece Irene remembered what fun it was crawling with him on the floor, playing with a toy bear. And it is perhaps significant that the only toy from his childhood that he bothered to photograph was a boy doll or puppet called "Tim".

As well as his passion for the theatre, he was also a keen photographer, mostly of people and particularly of children. Some of his young models remember how successfully he kept them interested and occupied during what was then a long and boring process, and parents sometimes commissioned him professionally to photograph their children. His nude images of children seem controversial today, but nudes of both sexes and all ages were acceptable as valid artistic subjects then, and in fact, some of the child images of his respectable contemporary, Julia Margaret Cameron, seem far more startling to the modern eye.

However, his love of children and his admiration for child nudity are sometimes taken to be evidence that he was a paedophile. It is impossible for anyone to know the definite truth about the sexual life of another, particularly someone long dead and from a different culture. But again and again, children who knew him, including those photographed nude by him, remember him with real love and affection, in recollections that indicate he did not in any way behave like a paedophile. As Evelyn Hatch, who he photographed nude as “Odalisque” recalls, “What I remember most about Mr. Dodgson was his kindness.... his aim was to give happiness and to make life richer... he was an ever-welcome guest.” Dozens of other recollections of little girls echo views like this.



"XIE" KITCHIN.
PHOTO BY REV. C. L. DODGSON.

Colorised photograph taken by Dodgson in 1873 of Xie Kitchen, one of his favourite photographic subjects – Source.



Another photograph of Xie Kitchin taken by Dodgson, circa 1875

– Source.

In general, he seems to have had a positive, constructive attitude, and he made the best of his life. But in some

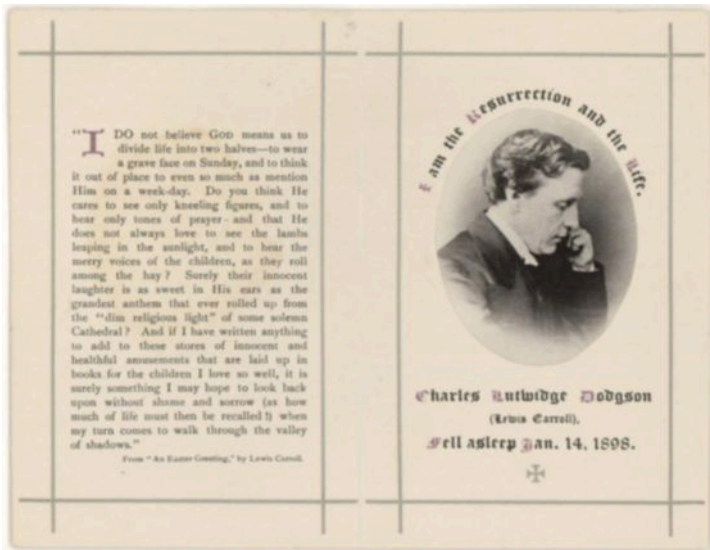
essential ways, he could not be himself, and his family said that he suffered periodically from black depression. At these times, they felt that the sincere love of his child friends kept him going.

His affection, in turn, meant a great deal to many of them. Time and again they report that he took them seriously when nobody else did, and understood their points of view. Among many touching memories are those of Ethel, niece of Matthew Arnold, who recalls how “the hours spent in his dear and much-loved company, [were] oases of brightness in a somewhat grey and melancholy childhood”.

He never married, and apparently never wanted to. Victorian marriage (with the prospect of many more dependants) would certainly have been a heavy addition to the constraints under which he already lived. It would have lost him what independence he had, and the mere fact of being married at all would have presented him with serious practical problems for many years. His closeness to his siblings might also have been a contributing factor to the decision. Only three of the eleven ever wed, and the remaining seven remained under his care for the rest of his life.

However, as he grew older, he acquired many lady friends. This sometimes led to mild controversy. Victorian social life was highly formal, and it was thought improper for eligible men to have unchaperoned adult female friends.

During his youth he had been unable to spend time alone with respectable women, but after he passed what Victorians considered to be the age of “romance,” he openly went on holiday with woman friends, and gathered a sizeable circle of admiring ladies around him. As author Laurence Hutton recalled in 1903, shortly after his death, “he liked young women, who all liked him, and Oxford is now full of women, mature and immature, who adore the gentle memory of the creator of ‘Alice’”.



Dodgson’s memoriam card, 1898, featuring an excerpt from his “Easter Greeting” – [Source](#).

In later life, although he was kind, generous and involved to those close to him, he became increasingly difficult, eccentric and annoying to outsiders. He also began spending considerable time fretting about tiny moral points and examining finer points of his own conscience. As he saw his own death approaching, he became very anxious not to offend God in any way. Much of his later fiction – self-conscious, badly structured, and over-moralistic – reveals this anxiety.

It was a relief to him to escape into the intellectual study of logic, which increasingly gripped him. But he still relaxed and seems to have gained strength from the company of the children he loved, and he continued to tell them original, funny, startling, and brilliant tales to make them happy. Adults rarely heard them, but his close friend Gertrude Thomson described them as being “like rainbows” – unique, beautiful, and evanescent.

He never wrote any of these tales down, and in a rare burst of confidence not long before he died, he told Gertrude Thomson that he didn’t know what people saw in the “Alice” books. Yet although he apparently chose to regard them as unimportant fairy tales, we know that *Alice’s Adventures in Wonderland* and its companion *Through the Looking Glass* were both created at times of great personal stress for him. It is reasonable to assume that they were in

some way therapeutic, and perhaps he did not want to think too deeply about what they represented.

Although he never wanted to discuss them with adults, he always wanted them to reach the widest possible child audience. And over the last 150 years, millions of children have grown up on “Alice”. Many of these have gone on to produce their own works of art inspired by the curious little girl. To many of us, the wonderful variety of these cultural works makes a fascinating study – one that is nearly, though not quite, as interesting as the study of Charles Dodgson himself.

Jenny Woolf is the author of Charles L. Dodgson’s biography, [The Mystery of Lewis Carroll](#).

Publicado originalmente em The Public Domain Review: <https://publicdomainreview.org>

Autora: Jenny Woolf

<https://publicdomainreview.org/2015/07/01/the-mystery-of-lewis-carroll/>

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para [conta-](#)

to@mojo.org.br com o nome do e-book no campo “assunto”. Obrigado!

NOTAS

1) John Tenniel foi o ilustrador da obra. (**retornar**)

EXPEDIENTE

INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Presidente: Ricardo Giassetti

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Larissa Meneghini, Tatiana Bornato

Conselho consultivo: Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira, Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller, Marcelo Andrade, Marcelo Gusmão Eid, Rodrigo Faria e Silva, Renato Roschel, S. Lobo, William Hertz.

contato@mojo.org.br

Tradução e edição © 2019 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

O mistério de Lewis Carroll — Ensaio, de Linda Dryden

Publicado originalmente no site Public Domain Review,
em 2015, ©Linda Dryden

Edição bilíngue português-inglês.

Texto integral sem adaptação.

Edição: Ricardo Giassetti e Gabriel Naldi

Tradução: Ana Carolina Aguiar

Revisão: Renato Roschel

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

Atualize-se sobre novas edições deste e de outros ebooks
ou faça o download para outros sistemas de ereading em:
<https://dominioaopublico.org.br/ebooks/o-misterio-de-lewis-carroll-ensaio/>



O Instituto Mojo de Comunicação Intercultural é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Para publicar os livros digitais gratuitamente em português, contamos com doações, prestação de serviços editoriais e de tradução, projetos corporativos e institucionais, leis de incentivo e parcerias com o setor público e privado.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição. Associe-se, divulgue, leia, conte as histórias.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: www.dominioaopub.org.br/permissoes

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para contato@mojo.org.br com o nome do e-book no campo “assunto”. Obrigado!